



Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Faculdade de Educação (FaE)

Formação Intercultural de Educadores Indígena (FIEI)

Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza (CVN)

*“Práticas de sustentabilidade” e possíveis relações  
com a escola*

Tamikuã Pataxó

(Tania Alves Maciel)

Aldeia Craveiro (BA) - 2019



Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Faculdade de Educação (FaE)

Formação Intercultural de Educadores Indígena (FIEI)

Habilitação em Ciências da Vida e da Natureza (CVN)

*Práticas de sustentabilidade e possíveis relações  
com a escola*

Tamikuã Pataxó (Tania Alves Maciel)

Orientador: Carlo Sandro Campos

Coorientador: Welington Dias

Aldeia Craveiro (BA) - 2019

“A vida é uma  
grande universidade,  
mas pouco ensina a  
quem não sabe ser aluno...”

Augusto Cury

## **AGRADECIMENTOS**

Cheguei à reta final, momento de agradecer, primeiramente a niamisũ (Deus) por essa experiência me permitir fazer. Em memória ao meu saudoso pai, que com muito sacrifício me ensinou a ler e escrever.

Aos meus orientadores Carlo Sandro e Welington Dias, que dedicando paciência, gastaram seu precioso tempo pra me fazer entender, as metodologias e estratégias, para este percurso eu escrever.

Aos professores do FIEI, por me ajudarem a caminhar na trilha do conhecimento que aqui eu vim buscar, aos bolsistas e colaboradores sempre dispostos a contribuir no auxílio aos professores para que pudéssemos produzir.

Às lideranças do conselho, não posso deixar de agradecer, pois foram eles que com suas incansáveis lutas fizeram o curso nascer. Aos membros da minha comunidade por sempre compreender, a minha ausência em momentos importantes, para meu conhecimento enriquecer.

Aos colegas do curso aos quais nunca vou esquecer, Pataxó, Pataxó Hãhãhãe, Guarani, Maxakali e Xakriabá, com quem pude conviver e compartilhar, momentos de aprendizagens que por toda vida vou levar.

A base da minha construção: minha mãe, esposo e filhos pela tamanha compreensão, pelo apoio e respeito à minha decisão de buscar conhecimento pra transformar nossa nação.

Pois acredito que é com a educação que vamos vencer, as estratégias dos governos que vivem a nos oprimir, dizendo que não somos capazes de nossa vida decidir, que somos selvagens, não conseguimos evoluir.

O meu trabalho vem desfazer essa infame informação, pois nossos filhos são educados com simplicidade e dedicação, preservando o meio ambiente e a nossa tradição, respeitando nossa ancestralidade e a religiosidade dessa tal civilização.

## **RESUMO**

Este trabalho visa descrever oito práticas de sustentabilidade que ocorrem nas aldeias Pataxó, tendo como referência a Aldeia Craveiro, no município do Prado, e Aldeia Velha, no município de Porto Seguro, ambas no estado da Bahia. Embora as práticas abordadas não sejam as únicas existentes nas aldeias consideradas, as oito foram aqui selecionadas, não por terem menor ou maior valor em relação às outras, mas pela diversidade que elas apresentam. O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas com anciões e artesãos das respectivas comunidades com o objetivo de, além de descrever, de dar visibilidade às práticas culturais desenvolvidas pelos sujeitos abordados nesta pesquisa, uma vez que o desenvolvimento dessas práticas promove economicamente os sujeitos envolvidos, preserva os recursos naturais e proporciona melhor qualidade de vida à comunidade Pataxó como um todo. As oito práticas de sustentabilidade abordadas na pesquisa são, em sua maioria, muito utilizadas nas comunidades Pataxó e identificam positivamente a comunidade, contribuindo para o fortalecimento da cultura e da identidade étnica Pataxó, além de promover a interdisciplinaridade no currículo escolar.

Palavras-chaves: práticas tradicionais; sustentabilidade; Saberes indígenas

**Sumário**

LISTA DE IMAGENS .....	8
MEMORIAL .....	10
TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E A RELAÇÃO COM A COMUNIDADE .....	11
A CHEGADA NA UFMG .....	14
1. INTRODUÇÃO .....	19
2. OBJETIVOS .....	21
Objetivo Geral:.....	21
Objetivos Específicos:.....	21
3. JUSTIFICATIVA.....	22
5. SOBRE AS PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE .....	24
6. O POVO PATAXÓ E SUAS ALDEIAS .....	26
6.1 A ALDEIA CRAVEIRO.....	32
6.2 ALDEIA VELHA .....	34
7. PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE.....	35
<p>Nesta seção, descrevo oito das práticas sustentáveis existentes hoje nas aldeias Pataxó, citadas acima.As práticas descritas neste trabalho, como já informei anteriormente, não são as únicas existentes nas aldeias Pataxó, porém foram selecionadas após uma prévia identificação feita nas comunidades pesquisadas, nem foram escolhidas por terem maior ou menor valor, mas sim, pela diversidade existentes entre elas. Enumero a seguir as práticas de sustentabilidade incluídas na pesquisa em ordem alfabética: .....</p>	
I. Agricultura (roça) familiar sem o uso de agrotóxico (atxá'á upú patã mionã naãhã iõ otxemã upú kwok).....	36
II. APICULTURA KIJEME PEGPÃY (CASA DE ABELHA) .....	39
III. Artesanato de coco seco (hãmxomã upú bokwãdxê motxê) .....	44
IV. Artesanato da fibra (tronco) de bananeira (hãmxomã txó niotxarú upú tapitá) .....	46
V. BIO-JÓIAS DE BARRO (TAWÁ) .....	50
VI. Escultura (artesanato) em madeira (hãmxomã uxé pajarú).....	57
VII. HORTA SUSTENTÁVEL .....	63
VIII. Tanga, roupa (Tupsay) .....	67
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	70
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	74
15-Jiktayá= passarinho.....	77
16-Jirajã= mesa .....	77
17-Jokana= mulher.....	77
33-Mupãy= assento, banco.....	77
34-Naãhã= sem.....	77

35-nahão= andu.....	77
36-Niamisũ=Senhor, Deus.....	77
37-Niotxarú= tronco, caule.....	77
38-,ohóy = mandioca doce.....	77
39-Otxemã= uso.....	77
40-Pajará= madeira.....	77

---

## LISTA DE IMAGENS

Figura 01: Porto de Cabrália, Rio João de Tiba, (Travessia Cabrália Santo André) (Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 02: Momento em que recebi o diploma de Pedagogia. Foto Yá Studios.

Figura 03: Parque Nacional do Monte Pascoal Foto Tamikuã Pataxó.

Figura 04: Destruição do posto de saúde da reserva Aratikum. (Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 05: O que restou do meu kijeme (casa) (Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 06: Escola improvisada no acampamento as margens da BA-001 (Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 07: Acampamento improvisado as margens da BA-001(Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 08: Mapa das aldeias Pataxó. Fonte: Juari Pataxó (2012)<sup>1</sup>

Figura 09: Lei nº 1.916 de 9 de agosto de 1926.

Figura 10: Escola Estadual Indígena Aksã Pataxó, Aldeia Craveiro. Foto: Tamikuã Pataxó.

Figura 11: Escola de Aldeia Velha. Foto cedida por Many Pataxó

Figura 12: Fruto do urucum. (Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 13: Florada do urucum. (Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 14: Pé de abacaxi (Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 15: Pé de pimenta do reino Tamikuã Pataxó

Figura 16: casal que desenvolve projeto kijeme pegpã Foto cedida por Antônia.

Figura 17: Apiário com um enxame de jataí. Tamikuã Pataxó.

Figura 18: Enxame encontrado em uma pousada da região. Foto cedida por Antônia.

Figura 19: Captura em árvore em via pública. Foto cedida por Antônia

Figura 20: Apiario aberto para a extração do mel. Foto cedida por Antônia

Figura 21: Mostruario de vendas Foto: Tamikuã Pataxó.

Figura 22: Utensílio feitos com coco. (Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 23: Preparação do coco para o artesanato. (Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 24: A artesã retira a massa que será usada para doces ou óleo. (Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 25: Tronco de bananeira recolhido para ser transformado em matéria prima de seu trabalho. (Foto Tamikuã Pataxó)

Figura 26: Preparando a materia prima. (Foto: Tamikuã Pataxó).

Figura 27: Retira-se as capas e corta em tiras na vertical com aproximadamente 3 a 4 centímetros de largura. Foto: Tamikuã Pataxó.

Figura 28: Fibras em processo de secagem. (Foto Tamikuã Pataxó).

Figura 29: Processo de montagem de um descanso de panela, (utensílio de cozinha) Foto: (Tamikuã Pataxó)

Figura 30: Utensilio já em fase de acabamento. (Foto Tamikuã Pataxó).

Figura 31: Utensilio pronto para o uso. (Foto: Tamikuã Pataxó)

Figura 32: Bolsa tecida com fibra de bananeira (Foto Tamikuã Pataxó).

Figura 33: Sacola tecidas com fibras de bananeira, (Foto Tamikuã Pataxó).

Figura 34: Tapete tecido com fibra de bananeira. (Foto Tamikuã Pataxó).

Figura 35: Ceramista Lara Mascarenhas em seu trabalho. (Foto cedida por Lara Mascarenha)

Figura 36: Joias da Terra. (Foto Tamikuã Pataxó)

---



Figura 37: Vasos e Joias da Terra (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 38: Escultura de uma índia gestante (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 39: Fruteira de argila. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 40: Prato e colar de argila. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 41: Jokana fabricando a linha de tucum. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 42: Zelito Pataxó, trabalhando em suas obras. (jirajã). Mesa de raiz de louro casca preta). (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 43: Assento (mupã) em madeira: pequi. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 44: Madeira: pequi. (Fotos cedida por Zelito Pataxó)

Figura 45 Tamanduá bandeira. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 46: Tamanduá bandeira. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 47: Tamanduá mirim, feito com louro-casca-preta. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 48: Tamanduá, feito com louro-casca-preta. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 49: Tubarão (mukusuy) feito de raiz de Angelim-morcego. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 50: Veado (mãñy) feito de Louro-casca-preta. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 51: Pica-pau (jiktayá)feito com louro-casca-preta. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 52: Tatu verdadeiro, (uhã) feito com louro-casca-preta. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 53: Mesa feita com raiz de mussutaiba. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 54: Mesa de raiz de louro casca preta. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 55: Onça pintada (hamugãe) em louro-casca-preta. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 56: Preguiça (gnewi) feita com raiz de murici. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 57: Preparação da horta Sustentável, desenvolvido por Tamikuã Pataxó na Escola Aksã, na Aldeia Craveiro. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 58: Canteiro de alface. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 59: Canteiro de cenoura. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 60: Kakusú usando tupsay. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 61: O casal preparando o material do tupsay .(Foto cedida por Jardimile)

Figura 62: Árvore de biriba ainda jovem. (Fotos Tamikuã Pataxó).

Figura 63: Flor e fruto da biriba. (Fotos Tamikuã Pataxó)

Figura 64: D. Maria tecendo o tupsay. (Foto cedida por Jardimile)

Figura 65: Árvore de biriba após retirada do pano (fibra). (Fotos Tamikuã Pataxó)Figura

66: Calendário sociocultural pataxó, (Ilustrado por Tamikuã Pataxó)

Figura 67: Calendário voltado para as atividades pesquisadas. (Ilustrado por Tamikuã Pataxó)

## **MEMORIAL**

Eu, Tamikuã Pataxó (Tania Alves Maciel) nasci em 02 de fevereiro de 1975, às margens do rio Pardo no município de Camacan, BA. Caçula das sete filhas do casal indígena Enéas Nascimento Maciel e Edinalva N. Maciel, mais conhecido como Caboclo, ambos Pataxó Hãhãhãe do município de Itajú do Colônia, BA. Devido aos conflitos existentes na região, não morávamos no Posto Indígena Catarina Caramuru Paraguaçu, aldeamento da época do SPI (Serviço de Proteção ao Índio), de onde minha família teve que sair fugida, pois naquela época o SPI alugava as terras indígenas, e os locatários cometiam diversos crimes, no caso da minha família, rapto e estupro da minha tia, na época uma adolescente de 14 anos. Morávamos em uma fazenda, onde meu pai trabalhou por mais de vinte anos em regime semi-escravo (uma vez que trabalhava de sol a sol sem direitos trabalhistas).

Mesmo vivendo fora de comunidade, meus pais nunca deixaram de nos ensinar sobre nossa origem e nossa cultura e, principalmente, o respeito à Mãe Terra. Naquela época, não havia escolas públicas como hoje, pelo menos não na zona rural. Os fazendeiros se juntavam e montavam salas de aula improvisadas para que seus filhos aprendessem a ler.

Em 1980, estava realizando um grande sonho, o de frequentar a escola, o que não passou de uma grande decepção, pois, ao saber que se tratava das filhas do índio que morava na fazenda vizinha, a professora recusou-se a nos receber (eu e minhas irmãs). Atitude que me fez repensar o sonho de ser professora, pois, na minha cabeça de criança, passei a acreditar que para ser professora eu teria de excluir pessoas. Meu pai logo buscou afastar esses pensamentos: disse que ele mesmo me ensinaria a ler e a escrever e que um dia eu teria a chance de frequentar uma escola. Então eu fui alfabetizada pelo meu pai. O que fazia com muita sabedoria e dificuldade, uma vez que não tinha condições de comprar material, nem mesmo um caderno, chegando até a usar o chão e pequenos galhos para praticar a escrita. Em 1983, meus pais decidiram mudar-se para Eunápolis, Ba, onde morava parte da família desde que foram obrigados a deixar o Posto indígena em 1946. Ali, finalmente, em 1991 tive a oportunidade de estudar até a 7ª série, quando interrompi meus estudos para ter meu primeiro filho. Nesse período,

parte da minha família já havia se mudado para Santa Cruz Cabrália, BA. Passando a viver em Santo André e também na Aldeia Indígena Pataxó Mata Medonha, no mesmo município.

Em 1995 também fui morar em Santa Cruz Cabrália. Porém, não consegui ficar longe do meu filho, que morava com os avós, assim resolvi voltar para Eunápolis para ficar perto dele e terminar os estudos. Em seguida, casei-me e tive mais duas filhas, Alice Maciel de Souza em 2001 e Helena Maciel de Souza em 2003.



Figura 01: (Foto Tamikuã Pataxó) Porto de Cabrália, Rio João de Tiba, (Travessia Cabrália Santo André)

## **TRAJETÓRIA PROFISSIONAL E A RELAÇÃO COM A COMUNIDADE**

Ao voltar pra Eunápolis, comecei a trabalhar em uma fábrica de costura como auxiliar, onde aprendi a profissão, trabalhando ali durante alguns anos. Mesmo morando fora da aldeia sempre estive presente em momentos importantes, entre os quais não posso deixar de citar a comemoração dos 500 anos do Brasil, estive presente na Conferência dos Povos Indígenas em Coroa Vermelha, quando participei da Marcha dos Excluídos, uma experiência única e um dos momentos mais inesquecíveis da minha vida. Continuei trabalhando na fábrica de roupas até o nascimento da minha filha Alice, quando me tornei costureira autônoma.

Em 2004 tive a oportunidade de ingressar como professora auxiliar em uma escola particular. Foi ai que renasceu em meu coração o desejo de ser professora. Em 2006 um acontecimento muito triste me deixou sem direção, meu pai foi diagnosticado com um

câncer na garganta vindo a falecer dois anos depois. Assim, meu maior incentivador já não estava mais ao meu lado, contudo, reuni forças, entrei pra faculdade tornando-me Licenciada em pedagogia pela Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). Em 2010 surgiu a oportunidade de que eu precisava, fui informada pela FUNAI de que a escola da Aldeia Indígena Pataxó Mata Medonha seria ampliada e necessitaria de mais professores.

Então, com o apoio da comunidade, mudei-me para a aldeia, fiz o processo seletivo municipal, passando a trabalhar na Escola Indígena Pataxó Mata Medonha (EIPMM) como professora de Língua Portuguesa e de Ciências, participando ativamente, dos Fóruns de Educação Escolar Indígena e de outras manifestações. No final de 2012 concluí o curso de Pedagogia.



Figura 02: arquivo pessoal. Foto Yá Studios. Momento em que recebi o diploma de Pedagogia.

Mais tarde me tornei Coordenadora Pedagógica, da (EIPMM) cargo que ocupei até junho de 2014. Quando, devido a problemas internos, houve uma tentativa de homicídio, contra nosso cacique o Sr. José Ailton Souza Lapa, (cacique Aratikum) eu e minha família prestamos solidariedade a ele, passando por esse motivo a sermos ameaçados e perseguidos. Para evitar um conflito maior, preferimos deixar a comunidade, juntamente com outras famílias que moravam ali. Passamos a ocupar uma outra área de 210 hectares no mesmo território. Esse outro local encontrava-se abandonado e não fazia parte da área demarcada, criamos assim uma nova aldeia, intitulada como Reserva Indígena Pataxó Aratikum.

No segundo semestre de 2014 trabalhei como professora de Língua Portuguesa e Geografia na Escola Municipal. Aracy Alves Pinto, que, apesar de não ser uma escola indígena recebessem os alunos da Reserva Aratikum. Ainda em 2014 tive a oportunidade de conhecer o Monte Sagrado dos Pataxó. Quando iniciei a formação Saberes Indígenas na Escola, trabalhando o etnomatemática, revivi minha infância lembrando como meu pai me alfabetizava, utilizando como material pedagógico apenas o que encontrava na própria natureza. Foi emocionante, pois ali percebi a competência dele como professor.



Figura 03: Foto Tamikuã Pataxó. Parque Nacional do Monte Pascoal.

Em 2015, uma grande vitória. A Aldeia Aratikum conquista escola, onde atuei como professora em uma turma multisseriada, além de uma turma de EJA (Educação de Jovens e Adultos), trabalhando inclusive a língua materna. Ainda nesse período, passei no processo seletivo do FIEI, na habilidade em Ciências da Vida e da Natureza. Ao se aproximar a data da viagem, recebi uma notificação, o primeiro de muitos obstáculos. Houve uma denúncia de que eu não seria indígena, fui procurada pelo Guiu Pataxó, representante do conselho consultivo do FIEI, a quem apresentei minha documentação, fato esse que não foi difícil de resolver, pois o próprio já conhecia a minha família e consequentemente nossa história.

## A CHEGADA NA UFMG

Como forma de expressar minha emoção de me ingressar como aluna na UFMG e outros acontecimentos marcantes no mesmo período, apresento a seguinte poesia de minha autoria:

Ao chegar à UFMG aconteceram coisas de admirar, a recepção que nos fizeram foi de  
impressionar.

Os trabalhos em grupo serviram pra compartilhar, os conhecimentos que temos,  
com os parentes Guarani, Pataxó Hãhãhãe e Xakriabá.

Os imprevistos que surgiram, com a ajuda de Tupã, conseguimos contornar.

Já a saudade de casa... Essa foi difícil de segurar.

Mas no fim da semana nos encontramos a comemorar, os conhecimentos adquiridos  
com os parentes a festejar, alguns já se despedindo outros a esperar,  
o momento da partida para as nossas aldeias voltar.

Na despedida, não pude deixar de registrar, e mais uma vez em versos tratei de me  
manifestar.

Neste dia especial quero homenagear, a esse grupo de pessoas que abaixo vou citar.

A professora Lucinha que muito me fez lembrar da minha infância sofrida, e do  
caminho percorrido que aqui me fez chegar.

A nossa delicada Marina, que nos fez muito refletir em como preservar o ambiente e  
continuarmos a existir.

A Katia e o Juarez que nos ensinaram a observar e assim abrir a caixinha preta sem as  
nossas mãos usar.

Ao professor Bortolus, que nos ensinou a acreditar, que não importa nossos limites  
conseguimos superar.

Ainda quero lembrar dos bolsistas e colaboradores, sempre dispostos a compartilhar  
suas experiências para que pudéssemos nos nortear.

Às professoras Gorete e Vanessa sempre a coordenar, os acima citados, buscando  
alternativas, para nosso conhecimento ampliar.

Porém não posso esquecer dos bandeirantes em ação, as nossas lideranças que abriram a estrada na floresta da educação.

Ainda tem os colegas, que um ao outro apoiou, nos momentos de saudades, daqueles que na aldeia deixou.

Agora vou voltar à aldeia e continuarei a homenagear, aqueles que em mim acreditaram e me incentivaram a aqui chegar.

Vou levando daqui os conhecimentos adquiridos com os quais vou compartilhar.

No decorrer do curso muitas dificuldades enfrentei e neste momento quero me expressar, sobre tudo o que passei.

No segundo semestre de 2016, os colegas diziam para a aldeia eu voltar, pois do jeito que estava não dava pra continuar, eu sentia dores horríveis que me fizeram paralisar.

Mas o desejo de aprender me faziam perseverar. No dia 07 de setembro cheguei a me desesperar, pois as minhas pernas não queriam funcionar.

Com a ajuda dos parentes e amigos ao médico eu cheguei e sem um diagnóstico preciso, aqui eu continuei.

Ao retornar à Bahia, muitas surpresas a me esperar e entre elas os rumores de uma possível liminar, pois o nosso território demarcado ainda não está.

No dia 13 de outubro, reunidos para o ritual da manhã em nosso centro cultural, avistamos uma triste cena, a chegada da Polícia Federal, que vieram com uma triste missão derrubar as nossas casas e tirar o nosso pedaço de chão.



Figura 04 (Foto Tamikuã Pataxó) Destruição do posto de saúde da reserva Aratikum.



Figura 05 (Foto Tamikuã Pataxó) o que restou do meu kijeme (casa)

E diante das nossas crianças, chegaram com máquinas, jogando tudo no chão.

Anos de trabalho e muita dedicação.

Tiraram nossos pertences e jogaram às margens da estrada.

Tirando nosso direito para dar a um estrangeiro que nem aqui estava.

Para eles não existia Estatuto do idoso, Estatuto da Criança e do Adolescente, Direito da Mulher ou Estatuto do índio.

Feriram geral a Constituição, que deixa bem claro que temos direito ao nosso pedaço de chão, saúde e educação diferenciada dentro da nossa cultura e tradição, não tiveram nem um pouco de respeito, destruíram nossa Escola, Posto de Saúde e Centro Cultural.

Todos construídos, com nossos esforços e trabalho braçal, pois ali não havia nada de Governo Federal.

Porém isso tudo serviu de grande aprendizagem, pois foi nesse momento que descobri os amigos de verdade.

Ficamos 42 dias às margens da estrada, adultos, crianças e anciãos, em uma triste situação, mas graças a Tupã com união e apoio da população.





Figura 06 (Foto Tamikuã Pataxó) Escola improvisada no acampamento as margens da BA-001



Figura 07 (Foto Tamikuã Pataxó) Acampamento improvisado as margens da BA-001

Eram muitas dificuldades, o frio, o vento, a chuva, a falta de alimentação, mas eu não podia deixar que tudo isso prejudicasse ainda mais a educação.

E ali mesmo voltei a lecionar, com ajuda de amigos nossa comunidade não podia parar.

Recebemos e fizemos muitos e novos amigos e a atenção da imprensa conseguimos chamar, mostrando ao mundo as dificuldades que os povos indígenas do Brasil está a enfrentar<sup>2</sup>.

Após 42 dias às margens da estrada já não conseguia mais andar, sentia dores horríveis, tive que me retirar, não tinha pra onde ir, uma amiga veio a me ajudar, (Maria D'ajuda) E em sua casa eu minhas filhas passamos a morar. Depois de muitos remédios consultas exames e visitas ao pajé, pude as muletas deixar. E ainda com certa dificuldade pude ir a Barra velha estudar.

No dia 03 de junho de 2017, em outra aldeia fui morar.

Assim que cheguei, na escola comecei a trabalhar, no início, como voluntária, o que me fez garantir meu lugar.

Ainda tivemos participação na SBPC aqui em BH, e muitos outros encontros pra nosso conhecimento ampliar, entre eles muita aprendizagem, mas também frustrações, dificuldades com o TCC (percurso) porém, nada disso me fez parar. Pois juntei tudo e usei como degraus pra subir a escada e aqui chegar.

---

<sup>2</sup> Ver vídeo no youtube –Arupãb documentary- reintegração de posse da Aldeia Aratikum.

## 1. INTRODUÇÃO

A ideia de estudar este tema surgiu na Reserva Indígena Pataxó Aratikum, no município de Santa Cruz Cabrália, Ba. No decorrer da construção desse trabalho, procurei incluir palavras da nossa língua materna (Patxohã) seguidas de seus correspondentes significados na língua portuguesa, isso a título de trazer maior visibilidade aos elementos linguísticos de nossa cultura. Partindo agora, da observação das inquietações do meu tamonetá (tio) Sr. Joselito Nascimento Maciel (Zelito Pataxó), durante o período em que foi meu aripotxê (aluno) na turma de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Durante seu percurso como discente, sempre falava da importância do seu trabalho como artesão de moveis e esculturas em madeiras produzidos de forma sustentável, ressaltando a sua preocupação em deixar um aprendiz e continuador dessa atividade. Ele sempre comentava seu desejo de ensinar sua arte numa escola.

A ideia ganhou força com a leitura do RCNEI (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas) que traz como um dos Temas Transversais. São temas que permitem um elo de discussão entre as áreas de estudo, para que passem todas a servir a um projeto social definido pela comunidade. Esse projeto se organiza através da discussão de temas que estão relacionados a um contexto político e social específico, ancorado na vivência histórica particular daquele grupo étnico. Os temas transversais são um recurso de trabalho para o desenvolvimento de currículos mais significativos e flexíveis, fazendo dos conteúdos estudados na escola um instrumento para pensar questões socialmente relevantes para aquele conjunto de pessoas (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas, 1998, pag. 93). Esse documento traz, entre outros, o Tema 1-Terra e Conservação da Biodiversidade e o Tema 2: Auto Sustentação, ambos pertinentes ao estudo aqui proposto.

As questões gerais vividas pelos povos indígenas e suas comunidades podem tornar-se conteúdos escolares a perpassar todas as atividades escolares. No caso da educação indígena, a escola deve estar a serviço das necessidades políticas mais amplas da comunidade. Assim, abre-se a possibilidade de vivência da pluralidade cultural sob o ponto de vista da aceitação; o reconhecimento não discriminatório das diferenças de etnia; a percepção do preconceito de classes sociais e da discriminação por gênero; a relação com o meio ambiente; a luta pelos direitos dos povos indígenas e de outros povos do mundo. Todos estes

temas orientam a discussão dos conteúdos que marcam as áreas de estudos escolares, buscando práticas pedagógicas que ajudem processos mais globais de conhecimento. Os problemas contemporâneos vividos pelos povos indígenas tornam-se temas transversais que atravessam toda a vida escolar, dando sentido e significado a ela. (Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas-RCNEI, p. 64)

Porém, a partir da observação feita em outras *Pataxip* (Aldeias), percebi que desenvolver estas atividades de forma pedagógica e interdisciplinar pode ser feito em relação a várias áreas, como: agricultura, artesanatos de sementes, argila, fibras, dentre outros. Assim, o registro deste percurso propõe, também descrever atividades tradicionais de subsistência que ocorrem em outras comunidades indígenas como a Aldeia Craveiro e a Aldeia Velha.

Ao investigar meios de desenvolver e preservar práticas ligadas ao saber tradicional nas escolas com o objetivo de conscientizar as crianças para a importância de preservá-las, é possível reafirmar a nossa cultura e a responsabilidade de contribuir para a preservação do meio ambiente.

## 2. OBJETIVOS

### **Objetivo Geral:**

Descrever as práticas tradicionais de sustentabilidade já existentes nas aldeias e propor seu aproveitamento nas escolas, como uma proposta pedagógica interdisciplinar, identificando possibilidades de conteúdo que poderiam ser trabalhadas no currículo escolar.

### **Objetivos Específicos:**

- Identificar práticas de sustentabilidade e tradições culturais, propondo estratégias para conscientização do educando sobre sua responsabilidade na preservação do meio ambiente;
- Identificar ações que possam promover a interação entre *saberes tradicionais e escola*.

### 3. JUSTIFICATIVA

Este trabalho propõe identificar saberes tradicionais relacionados às práticas de sustentabilidade e atividades culturais, que proporcionem uma melhor qualidade de vida para as famílias das comunidades da etnia Pataxó da Bahia. Por meio da catalogação dessas práticas e dos saberes tradicionais. Este trabalho pretende contribuir para a conscientização de comunidades indígenas, sobre a sua responsabilidade no uso consciente dos recursos naturais. A partir de uma reflexão propositiva que promova a interação entre saberes tradicionais e a escola, possibilita-se o fortalecimento de diálogos entre esses pares, no intuito de refletir positivamente sobre as práticas produtivas e culturais já existentes nas aldeias, sugerindo o uso consciente dos recursos naturais para o fortalecimento da economia local e da cultura.

O modelo atual de desenvolvimento vem esgotando os recursos naturais, o que interfere negativamente em nossa cultura e na nossa identidade como etnia. Sendo assim, tornam-se necessários procedimentos que minimizem esses impactos, ou seja, que proponham urgentemente um processo educacional, com ações pedagógicas alicerçadas nas práticas tradicionais desenvolvidas dentro das escolas.

Tendo em vista que vivemos períodos de grandes dificuldades ambientais, precisamos de ações que visem suprir nossas necessidades sem comprometer o futuro. Pensar sobre abordagens ecologicamente corretas inseridas no currículo escolar poderiam ser de extrema utilidade para trabalhar a interdisciplinaridade, incluindo os contextos da realidade da comunidade nos seus saberes tradicionais.

Lembrando aqui que o resultado deste trabalho pode servir de modelo para o cumprimento da Lei 11.645/08, quando cita a obrigatoriedade de inserir nos currículos temas da história e da cultura indígena nas escolas de educação básica.

Lei nº 11645, de 10 de março 2008:

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena".

#### 4. METODOLOGIA

As oito práticas de sustentabilidade abordadas nesta pesquisa são, em sua maioria, muito utilizadas nas comunidades, as mesma são realizadas, não apenas por serem tradicionais, mas, como fonte de renda para as famílias. E são consideradas sustentáveis pois, em sua realização, são utilizados os recursos naturais com a responsabilidade de sanar as necessidades presentes sem comprometer as das futuras gerações. Embora as práticas abordadas não sejam as únicas existentes nas aldeias consideradas, as oito foram aqui selecionadas, não por terem menor ou maior valor em relação às outras, mas pela diversidade que elas apresentam.

Para a realização deste trabalho fiz pesquisas e desenvolvi experiências nas escolas, envolvendo o saber tradicional como forma de subsistência em algumas aldeias Pataxó, as quais já estão, ou poderão ser inseridas nas instituições de ensino, como material pedagógico. Essas experiências envolveram o desenvolvimento de uma horta na escola que permitiu abordar temas como alimentação saudável, hábitos de consumo, conscientizando sobre a importância do descarte de resíduos, entre outros.

Foram realizadas algumas oficinas de cerâmica, artesanatos de sementes, como trabalho de práticas culturais de nosso povo, lembrando que a pesquisa busca experiências que envolvam o saber tradicional, meio ambiente e auto sustentação.

A utilização do calendário sociocultural é uma ferramenta indispensável na promoção deste trabalho. O calendário contém as práticas culturais existentes nas aldeias distribuídas de acordo com as épocas do ano e foi utilizado como guia para o desenvolvimento das práticas descritas nesse trabalho. Para facilitar futuras aplicações desse trabalho, foi desenvolvido um calendário específico para se trabalharem as áreas pesquisadas. Esse calendário, assim como o sociocultural Pataxó, considera características do tempo e clima que influenciam o desenvolvimento dessas atividades.

Para alcançar esses objetivos, foram consultados portais eletrônicos, resumos de eventos, documentos institucionais, Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas-RCNEI, entre outros. Além disso, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com anciões e artesãos locais. Essas entrevistas foram conduzidas em forma de conversas e a partir delas os textos foram construídos a partir das minhas observações e impressões.

## 5. SOBRE AS PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE

O modelo atual de desenvolvimento consumista tem promovido uma crescente degradação dos recursos naturais, trazendo consequências graves.

As ocupações humanas sobre o território causam interferências sobre o meio ambiente, empobrecendo o solo, consumindo recursos e energia, modificando os costumes da nossa sociedade, trazendo consequências negativas à biodiversidade. Ocupar o território de forma sustentável tornou-se um foco mais evidente não somente nas discussões entre os povos indígenas.

Por isso, falar de vida sustentável se tornou recorrente de um modo geral. Embora esse termo não seja nenhuma novidade, muitas pessoas ainda o utilizam erroneamente, quando o associam somente a questões ambientais, sendo que ele também é aplicável em outras áreas de conhecimento.

O primeiro grande passo global no âmbito do desenvolvimento sustentável foi a realização da Conferência de Estocolmo em 1972 (*UN Conference on the Human Environment*).

Quando surgiu o termo sustentabilidade, e desde então vem evoluindo tomando vários rumos e diversas interpretações de acordo a área em que é empregado. Apesar das polêmicas que envolvem o termo, foi usado propositadamente, por entender que, embora o mesmo só tenha surgido na década de setenta, já era praticado pelos povos indígenas, que sempre foram dependentes dos recursos naturais e os utilizam de forma consciente. Resultado disso é que a maioria das reservas ambientais existentes no nosso país se encontram em territórios indígenas, ou áreas habitadas por eles.

De modo geral, o conceito trata da relação de equilíbrio de um contexto em um período de tempo, e esse equilíbrio envolve ao menos três grandes dimensões: a dimensão ecológica, a dimensão econômica e a dimensão social. Em outras palavras, são o ecossistema de um local, suas relações econômicas, e as questões sociais trabalhando em equilíbrio, de modo a manter as dimensões coexistindo harmonicamente por um longo período para que as dimensões perpetuem-se por um longo período, ou até mesmo de forma indeterminada, é preciso que as relações sejam de cooperação e tragam benefícios mútuos ou suas dificuldades e impactos não superem a capacidade de regeneração desse sistema. (Pons, Ivo Almonaque de sustentabilidade/ Ivo Pons-Cotia, SP: Macmillan, 2012, Coleção Urutau p. 07, 04/05/18)

O consumo dos recursos naturais está em desequilíbrio por consequência do caos que vivemos hoje. A rapidez no aumento da população, o consumo excessivo, o crescimento



desordenado das cidades e o desmatamento ocorrem em uma velocidade acima da capacidade de recuperação dos recursos, gerando visíveis reflexos negativos nas características do planeta.

Defendemos formas de vidas plurais e autônomas, inspiradas pelo modelo do Bom Viver / Vida Plena, onde a Mãe Terra é respeitada e cuidada, onde os seres humanos representam apenas mais uma espécie entre todas as demais que compõe a pluriversidade do planeta. Nesse modelo, não há espaço para o chamado capitalismo verde, nem para suas novas formas de apropriação de nossa biodiversidade e de nossos conhecimentos tradicionais associados. (Manifesto dos Povos Indígenas na Cúpula dos Povos)<sup>3</sup>

Tudo isso nos leva a refletir sobre os nossos atuais meios de vida, pensando em como podemos diminuir os riscos do esgotamento dos recursos naturais. Considerando que temos a necessidade urgente de procurar desenvolver ações, hábitos e práticas conscientes ligadas à utilização de tudo que precisamos para o suprimento de nossas necessidades, sem comprometer o bem estar das futuras gerações.

---

<sup>3</sup> Trecho retirado do Manifesto dos Povos Indígenas, escrita ao final da Cúpula dos Povos, que consta no portal [www.cptnacional.org.br](http://www.cptnacional.org.br), acessado em 18/12/2018



chegada dos portugueses. Esses relatos já identificavam a existência não somente dessa etnia como também de outras, como: Aimoré, Botocudo, Maxakali entre muitas outras.

Os Pataxó chegaram a ocupar desde a região de Santa Cruz Cabralia, Porto Seguro, até o norte do Espírito Santo. Ainda outro grupo pataxó, habitava outras áreas como os rios de Contas, Rio Pardo, Cachoeira, Gongogy e também mais ao sul, no médio Jequitinhonha, onde também habitavam outros povos. Contudo, no início do período republicano, uma boa parte desses povos foram declarados extintos pelo Governo da Bahia. (LEI nº 198, de 21.08.1897 do Estado da Bahia).

Nosso povo resiste até os dias atuais. Mais tarde, esse grupo pataxó, juntamente com outros povos indígenas oriundos dessa região, como: os Gueren, os Kamakãe, Kariri-Sapuyá, foram confinados em uma área de 50 léguas quadradas, pelo governo da Bahia, para facilitar a expansão do cacau na região. Assim também ocorreu com outros povos do Brasil com a presença do (SPI) Serviço de Proteção aos Índios, formando assim os Pataxó Hãhãhãe, devido à mistura de povos, isso segundo o relato dos mais velhos.

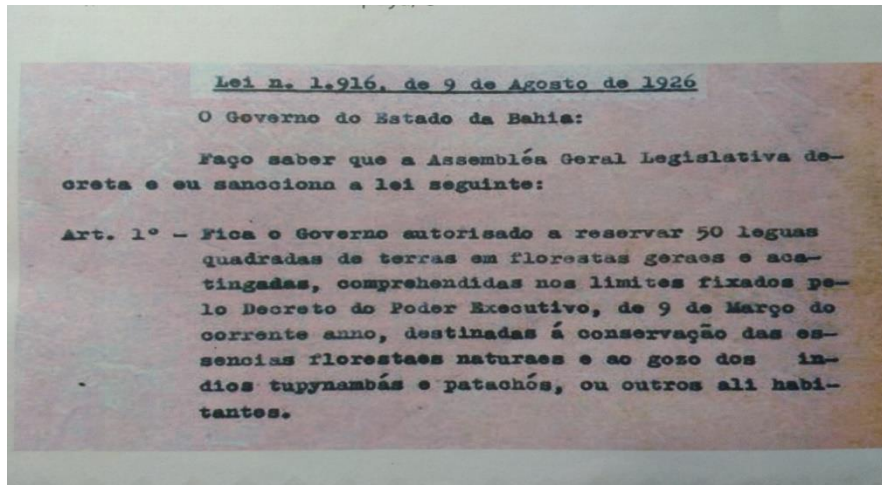


Figura 09, lei nº 1.916, de 9 de agosto de 1926. (Relatório Figueiredo)

Emmerich & Monserrat (1975, p. 13), buscando delimitar as áreas ocupadas pelos denominados Gueren, Aimorés ou Botocudos, afirmam, apoiadas em Simão de Vasconcellos (1864, p. 28), que Salvador Correa de Sá, ao realizar uma entrada, em 1577, os encontrou nas imediações do Rio Doce, “juntamente com outras nações tapuias, como Patachós, Apuraris e Puris”. Esse registro é especialmente relevante na medida em que constitui a primeira referência precisa à presença dos índios Pataxó no âmbito geográfico de sua distribuição tradicional, entre a margem norte do S. Mateus e o Rio de Porto Seguro. Esses seriam os Pataxó meridionais, tal como convencionalizado pela literatura antropológica, ao passo que o âmbito de dispersão dos Pataxó setentrionais, atualmente denominados Pataxó Hãhãhãe, se circunscreveria à área

abrangida pelos rios Pardo e Rio de Contas. O príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied assinalou a existência de similaridades culturais entre os Pataxó e os Maxakali, tais como o uso de sacos pendurados; o prepúcio amarrado com um cipó; o pequeno orifício no lábio inferior, onde, por vezes, usavam um pedacinho de bambu; o cabelo tosado à moda pataxó; a similar construção das choças; e o uso de cauim (1958, p. 276-277). É importante, contudo, lembrar que, ademais do fato de serem essas características muito amplamente compartilhadas pelas tribos da costa oriental, como o príncipe bem assinalou, outras tantas podem ser decorrentes de mútuos empréstimos nos contextos de interação.

(<https://pib.socioambiental.org/pt/Povo>)

A língua Pataxó pertence ao tronco Macro-jê e à família Maxakali (BONFIM, 2017). Durante muito tempo, em decorrência do processo de colonização, o povo Pataxó passou a utilizar o português como primeira língua, o que levou muitos a pensar que nossa língua estivesse extinta. Entretanto em 1998 um grupo de professores e pesquisadores Pataxó, realizaram uma pesquisa documental com o intuito de retomar a nossa língua. Concluindo que, mesmo com todos os fatores políticos de caráter social, histórico, que contribuíram para enfraquecimento e quase extinção de nossa língua, nem tudo foi esquecido, com este trabalho de pesquisa e reconstrução da nossa língua, ela foi batizada de patxohã, tornando-se um elemento de suma importância na afirmação da nossa identidade e dos avanços na luta pelo território.

Segundo os mais velhos, Bom Jesus, onde hoje é localizada a Aldeia Barra Velha, “Aldeia Mãe”, era um ponto de encontro e passagem de vários povos indígenas. Em 1861, indígenas de diversas etnias, dentre as quais estavam os Pataxó, os Maxakali, Botocudos, e Tupi foram forçados ao aldeamento por determinação do governo da Bahia. Foi a partir daí que nós pataxó ficamos sedentários e tudo se tornou limitado, a nossa língua, nossas tradições e principalmente nosso território. Mas foi, a partir de 1940, com a criação do Parque Nacional do Monte Pascoal, que as disputas pelo Território Barra Velha começaram. Porém algo muito pior ainda estava para acontecer, em 1951, um massacre “O Fogo de 51” como é chamado pelo nosso povo, foi uma verdadeira guerra em Barra Velha. O que implicou na dispersão dos Pataxó e na formação de novas aldeias. Inclusive na imigração dos pataxó para Minas Gerais.

Naquele tempo, o capitão da aldeia, Honório Ferreira e mais três pataxó viajaram até o Rio de Janeiro para reivindicar seus direitos e suas terras. Por falta de recursos, a viagem seria a pé e com a previsão de retornar somente ao conseguir as reivindicações de seus direitos. No Rio de Janeiro, o Marechal Rondon falou que ia tomar as devidas

providências, enviando engenheiros para demarcar as terras Pataxó. Então, o grupo retornou para aldeia, mas acompanhados de dois homens brancos que diziam ser engenheiros e que viriam demarcar as terras. Os dois homens chegaram à aldeia convenceram os índios a roubar a mercearia do senhor Teodomiro.

Os índios receberam-nos inocentemente, sem saber o que poderia acontecer. Fizeram uma reunião em que, apesar de que muitos tivessem sido contra, ficou decidido acatar a ideia dos dois não indígenas, realizando o saque. Pegaram Teodomiro, amarraram, carregaram, jogaram-no na praia e roubaram toda a mercadoria da venda. Naquele momento, por uma coincidência, ia passando um homem que perguntou o que estava acontecendo. Teodomiro disse que foram os índios que fizeram isso com ele. Este homem foi até a linha de telégrafo e comunicou à polícia de Porto Seguro e Prado. Quando eles souberam disso, cortaram toda linha para que não houvesse mais comunicação.

Os policiais chegaram de madrugada, já atirando. Teve troca de tiros entre os policiais de Prado e Porto Seguro, que pensavam que os tiros viam dos indígenas. Nesse tiroteio morreram muitos indígenas e policiais também. Quando os policiais perceberam que não eram os índios que estavam atirando, juntaram suas forças e atacaram a Aldeia. Foi assim que começou o massacre do povo pataxó. Estupro de mulheres e espancamento, muitas crianças mortas e muitos índios fugindo para a mata, na tentativa de se esconder. Foi terrível esse massacre e até hoje o povo pataxó chora quando os mais velhos contam essa história triste e violenta. Nesse massacre um dos fatos que deixou nosso povo horrorizado foi quando arrancaram o couro da cabeça de um índio, que mais tarde ficou conhecido como o velho Julho, fizeram-no comer o próprio escalpe e correr de Barra Velha até Caraíva com uma cangalha nas costas, apanhando de chicote. Houve uma verdadeira chacina, porque os policiais entravam nas casas a cavalo e pisoteavam tudo, os velhos e as crianças que não podiam correr foram todos assassinados.

Depois do “fogo de 51”, os Pataxó que conseguiram sobreviver ficaram muito tempo dentro das matas escondidos sem poder sair, pois tinham muito medo dos guardas que havia em Barra Velha, esperando os índios saírem para atacá-los. Nosso povo sofreu muito, pois tinham que comer tudo cru, porque não podiam fazer fogo para não serem descobertos pelos guardas. As poucas crianças que sobreviveram, não podiam nem

chorar, tinham de matar todos os animais principalmente os cachorros, para não latirem, dando sinal da presença dos parentes na mata. Essa luta e sofrimento continuaram por muito tempo (BAHIA, 2007).

O retorno só aconteceu na década de 70, quando diversas famílias voltaram, iniciando assim um processo de luta para o reconhecimento e demarcação do território Barra Velha. O que finalmente aconteceu, em 20 de julho de 1988, quando o governo resolveu “reconhecer” 8.627 hectares entorno de Barra Velha como área de posse “imemorial indígena”, e as lideranças pataxó conseguiram que a homologação efetiva fosse realizada em dezembro 1991, por meio do decreto 396.

Esse Território pataxó está localizado no município de Porto Seguro, Bahia. Próximo a uma área de proteção ambiental, o Parque Nacional Monte Pascoal, que ficou muito tempo sob a responsabilidade do IBDF, (Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal), situação essa que nos trazia uma série de transtornos, já que alguns Pataxó dependem de atividades que subtraem sua matéria-prima do meio ambiente que os cerca, como por exemplo, a coleta de recursos naturais (sementes) para a fabricação de artesanato, para a sobrevivência. Por isso que, em 1997, os Pataxó resolveram reconquistar esse patrimônio que fazia parte do território, porém, por conta de muitas ameaças sofridas por parte do órgão e falta de conhecimento eles recuaram.

Fazendo uma nova ocupação em 1999, quando mostraram que tinham capacidade e responsabilidade suficientes para proteger aquele patrimônio que para nós é um marco sagrado que representa nossas lutas, onde se encontra derramado o sangue dos nossos ancestrais.

Atualmente, temos profissionais indígenas capacitados em combate a incêndio, fiscalização e agente ambiental, que trabalham com um só objetivo, que é a preservação ambiental.

Os Pataxó continuam lutando pela regularização de suas terras. Atualmente, o Território Indígena Pataxó Barra Velha possui uma área de 8.627 hectares, e passa por um processo de revisão desse limite para a ampliação a 52.748 mil hectares. O aumento da população, e o pequeno espaço do território tem estimulado nosso povo a reivindicar a

ampliação do território, mas, ainda hoje, nosso povo sofre uma grande repressão de forças policiais fortemente armadas.

Como em 2015, com a ocupação de uma área de retomada na aldeia Boca da Mata, o povo Pataxó sofreu mais uma vez uma grande repressão dos policiais do estado, que, para cumprir uma reintegração de posse, chegaram à aldeia e não deram oportunidade para diálogo. Ali começou mais uma vez um ataque covarde contra o povo, atirando com balas de borrachas, utilizaram bombas de gás lacrimogênio e *spray* de pimenta. Muitas pessoas se machucaram, mulheres grávidas, idosos, homens e jovens, alguns ainda foram obrigados a fugir e foram perseguidos pela polícia dentro da mata.

Mais recentemente em 2016, outro ato violento contra a Reserva Aratikum, situada no município de Santa Cruz Cabralia, onde um grande número de policiais fortemente armados desalojaram 14 famílias que viviam na área, jogando-os às margens da estrada como se fossem lixo. Mas apesar de tantas agressões e violação de direitos, nosso povo persiste lutando bravamente para continuar existindo. Buscando a valorizando a nossa identidade étnica através do fortalecimento da nossa cultura e da língua materna (*Patxohã*). Esta pesquisa terá como foco as aldeias Craveiro que ficam no município do Prado e Aldeia Velha, localizada no município de Porto Seguro.

## 6.1 A ALDEIA CRAVEIRO

A aldeia Craveiro fica localizada no município do Prado, a 56 Km de Itamaraju, cidade mais próxima. Está dentro da área de revisão do território de Barra Velha, que abrange os municípios de Porto Seguro e Prado, BA. A mesma possui 1.247 hectares, sendo considerada área indígena desde 1939. No entanto, ficou por muito tempo em posse de um fazendeiro conhecido como “Arthuzinho”. Em 1988, o MST (Movimento Sem Terra) ocupou a área, permanecendo nela por 18 anos. A área retornou aos Pataxó quando famílias indígenas que moravam por perto da Aldeia Águas Belas se reuniram para retomar o território. Isso aconteceu em 01 de junho de 1998, perto do Rio Corumbau. As famílias do MST permaneceram na sede, fazendo ameaças a essas famílias indígenas, o que motivou em 16 de agosto de 2003 o cacique João Braz juntar um grupo, cerca de 120 indígenas de várias aldeias pataxó da região para reforçar e retomar a sede, porém só em 16 de setembro de 2003 a aldeia foi reconhecida oficialmente. O nome da aldeia origina-se de uma plantação de cravo cultivada por uma índia que gostava de enfeitar a área de seu kijeme (casa) com essas flores. A permanência na aldeia não foi fácil, dois meses após a ocupação chegou uma reintegração de posse. Famílias do MST retornaram para retirar seus pertences, cortando energia, água etc. Atualmente, a aldeia é constituída de 42 famílias com 250 pessoas, aproximadamente. No momento, o cacique é o indígena Ednaldo das Virgens, que atua com uma comissão de lideranças, as quais lutam juntamente com outras lideranças pataxó pela regularização do território. Ainda hoje, a aldeia conserva as características deixadas pelo MST. 39 casas de alvenaria; 1 escola com 2 salas de aula, 1 cantina, 1 secretaria; 1 farinheira; um posto de saúde, ambos sem equipamentos; 1 poço artesiano, sendo toda a estrutura construída pelo INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária). E a manutenção dessas estruturas são feitas pela comunidade com recursos próprios. Dessas estruturas quero destacar nossa escola, kijetxawê Upútxairi Txihihãe Aksã Pataxó (Escola Estadual Indígena Aksã Pataxó). A qual possui cerca de 100 aripotxêp (alunos), sendo alguns indihí (não índio), desenvolvendo as seguintes modalidades de ensino: Educação Infantil, Fundamental I e II, além da EJA (Educação de Jovens e Adultos, eixo I e II. Que funciona em no prédio construído pelo INCRA que foi cedido para o estado, possuindo duas salas de aula, uma cozinha, uma secretaria, dois banheiros e um pequeno pátio coberto, espaço este que não é suficiente para o



desenvolvimento dos trabalhos, sendo necessário utilizar como salas de aula o espaço que pertence ao posto de saúde local. Recentemente, foi construído um pequeno kijeme (oca) para servir de sala de aula, melhorando assim o espaço físico.



Figura 10. Foto: Tamikuã pataxó, Escola Estadual Indígena Aksã Pataxó, Aldeia Craveiro.

A aldeia ainda preserva a mesma organização, ficando as moradias na sede e os lotes reservados para o plantio ou para pequenas criações de animais. Desde a retomada, foram sendo introduzidas certas atividades tradicionais sustentáveis praticadas pelo nosso povo, como artesanato feito com trançado de Fibra de Bananeira, artesanato de coco seco, horta Sustentável, agricultura familiar sem o uso de agrotóxicos, as quais serão descritas com detalhes nesta pesquisa. Na próxima seção, apresento a Aldeia Velha.

## 6.2 ALDEIA VELHA



Figura 11 escola de Aldeia Velha. Foto cedida por Many Pataxó

Com a chegada dos colonizadores, houve com a catequização, o massacre dos nossos antepassados. O lugar onde hoje é a Aldeia Velha recebeu o nome de Santo Amaro e ficou muitos anos nas mãos de vários posseiros. Porém, em 1992, após a reorganização do nosso povo, depois de muitos estudos e pesquisas, conseguiu-se provar que a terra era indígena. Então, Silvino Lopes do Espírito Santo, o índio Ipê, o qual se tornou o primeiro cacique da comunidade, ficando conhecido até os dias atuais como Cacique Ipê, informado pelo GAIPA (Grupo de apoio aos índios Pataxó), reuniu 46 famílias indígenas que estavam desaldeadas e os estimulou a lutar pela retomada da Fazenda Santo Amaro, sendo que a primeira retomada ocorreu no dia 22 de maio de 1993. No entanto, só permaneceram no local por apenas um mês, retornando somente em 9 de março de 1998, quando o índio Ipê e as 46 famílias e parentes de outras aldeias ocuparam a parte baixa da aldeia que fica perto do mangue. O suposto dono da área ainda lutou muito para os expulsarem, mas dessa vez não conseguiu. Hoje a Aldeia Velha tem aproximadamente 300 famílias e é reconhecida. Possui uma área com cerca de 1.799 hectares, fazendo limite com o Rio Buranhém, além de um lago sujeito a inundação pela chuva e pela maré. A aldeia fica localizada no distrito de Arraial D'Ajuda, no município de Porto Seguro. Nessa aldeia, muitas atividades sustentáveis são desenvolvidas, entre elas o artesanato de casca de coco e a criação de abelhas, as

quais também serão abordadas nesta pesquisa. A aldeia está localizada em uma região de grande fluxo turístico, o que movimenta a economia local, contribuindo para a venda dos produtos finais dessas atividades e para gerar emprego e renda para as famílias. Por conta do fluxo turístico, há muitos empregos disponíveis nas redes de hotelaria e na construção civil, por exemplo.

Na próxima seção, serão descritas as práticas de sustentabilidade desenvolvidas nas aldeias pataxó.

## 7. PRÁTICAS DE SUSTENTABILIDADE

Nesta seção, descrevo oito das práticas sustentáveis existentes hoje nas aldeias Pataxó, citadas acima. As práticas descritas neste trabalho, como já informei anteriormente, não são as únicas existentes nas aldeias Pataxó, porém foram selecionadas após uma prévia identificação feita nas comunidades pesquisadas, nem foram escolhidas por terem maior ou menor valor, mas sim, pela diversidade existentes entre elas. Enumero a seguir as práticas de sustentabilidade incluídas na pesquisa em ordem alfabética:

(I) Agricultura familiar sem o uso de agrotóxico (atxá'á upú patã mionã naãhã iõ otxemã upú kwok)

(II) Apicultura, kijeme pegpây (casa de abelha)

(III) Artesanato de coco seco, (hãmxomã upú bokwãdxê)

(IV) Artesanato de fibra de bananeira, (hãmxomã txó niotxarú upú)

(V) Biojoias de barro (tawá)

(VI) Escultura em madeira, (hãmxomã uxé pajarú)

(VII) Horta sustentável,

(VIII) Tanga ou roupa (tupsay)

## **I. Agricultura (roça) familiar sem o uso de agrotóxico (atxá'á upú patã mionã naãhã iõ otxemã upú kwok)**

Esta atividade consiste de pequenos plantios de milho, feijão, mandioca, urucum, entre outros. Cultivados para o sustento familiar, sem uso de agrotóxicos. Atividade muito comum nas aldeias pataxó, destacando abaixo o plantio da família Braúna do qual eu tive a honra de participar, desde a limpeza da área, quando, para adiantar o serviço, foi utilizado um trator para arar a terra. Para esse serviço, foi contratados o serviço de um tratorista vizinho, uma vez que nossa aldeia não possui nenhum tipo de máquina agrícola. Daí em diante o serviço foi manual, melhor dizendo, no cabo da enxada, como se diz por aqui. Geralmente toda a família trabalha nos plantios. Essas roças são desenvolvidas em áreas já desmatadas desde o período em que o território não se encontrava em nossas mãos. Geralmente, não promovemos desmatamento para realizar plantios. Após arar a terra, esperaram-se alguns dias para que a chuva caísse, o que, na maioria das vezes, acontece na mudança de fase da lua, para só então colocar a mão na massa. O plantio deve ser feito de acordo com a fase da lua, pois existe uma fase adequada para determinadas plantas. Até há alguns anos, esses plantios eram realizados com a ajuda da Fundação Nacional do Índio, (FUNAI), que nos fornecia sementes e adubo. Hoje isso já não acontece, o que fez com que muitos deixassem de plantar, ou que outros plantassem em menor quantidade. Pois as sementes têm de ser adquiridas nos armazéns da cidade mais próxima e demanda custos. Algumas famílias conseguem comprar adubo com o intuito de ter uma colheita mais farta, normalmente não usamos agrotóxico pois somos conscientes que, mesmo sendo utilizados na agricultura com a finalidade de eliminar pragas e plantas invasoras que prejudicam o desenvolvimento da plantação, são extremamente nocivos para os seres vivos e podendo ainda contaminar e poluir o solo, água e até mesmo o ar. Lembrando que o solo é capaz de reter grande quantidade de contaminantes, o que com o tempo desencadeia a morte de microorganismos, diminuindo assim a biodiversidade do solo, ocasionando a acidez e a redução da sua fertilidade. Além disso, em contato com a atmosfera, podem desencadear a intoxicação de pessoas e de organismos vivos que respiram esse ar contaminado, além da contaminação de rios e de lagos por escoamento superficial onde o uso de agrotóxico é realizado.

O plantio da família Braúna é pequeno, porém diversificado, como a maioria das roças no sul da Bahia. Nesse tipo de plantio, pode-se encontrar urucum, planta utilizada para a

fabricação de corante natural, além de ser muito utilizada na nossa cultura nas pinturas corporais.



Figura 12 (Foto Tamikuã Pataxó) Fruto do urucum



Figura 13 (Foto Tamikuã Pataxó) Florada do urucum.

Mandioca (mukunã) principal fonte de alimentação do nosso povo, com a qual produzimos kuyuna (farinha) beijú (makaiába) espécie de bolo da culinária indígena, kawin (bebida tradicional do nosso povo), paçoca, podendo também ser consumida cozida, frita, etc. Bananeira, feijão (kumãdá) de várias espécies como: andu (nahão), feijão de corda (kavãg). Além de abacaxi, pimenta do reino, e muitos outros.



Figura 14 (Foto Tamikuã Pataxó) abacaxi



Figura 15 Tamikuã Pataxó pimenta do reino

Durante o período em que estivemos no roçado, falou-se muito da necessidade de se fazer um banco de sementes na comunidade, o que no momento só está em nossos planos futuros.

## II. APICULTURA KIJEME PEGPÄY (CASA DE ABELHA)

A criação de abelhas é realizada na Reserva Indígena Pataxó Aldeia Velha, nas proximidades de Arraial d´Ajuda. Iniciada desde 2014, pelo casal Erisvaldo Pereira da silva (Piocommel) e Antônia Gonsalves.



Figura 16 casal que desenvolve projeto kijeme pegpây. Foto cedida por Antônia.

Abelhas passageiras e sem ferrão, criação em apiário, para extração de mel. O interesse por esse trabalho surgiu ao conhecer uma pessoa que trabalhava com capturas de abelhas passageiras. Ao participar de algumas ações de captura, identificou-se com o trabalho, uma vez que, ao capturar as abelhas, estavam salvando-as de uma possível extinção. Em 2014, após essa experiência, começaram a fazer capturas de abelhas e as levar pra casa, criando assim as primeiras caixas (apiário).



Figura 17 Foto Tamikuã Pataxó apiário com um enxame de jataí.

O casal Piocomel e Antônia viram que poderia ser um negócio lucrativo e começou a investir aos poucos, com cursos de apicultura e comprando roupas apropriadas, utensílios para tratar o mel, (centrifugador), também aprendeu a devolver alguns desses utensílios com suas habilidades de carpinteiro, além de produzir o mel. Mais tarde, já em 2016, com o aumento do número de apiários, o casal passou também a fazer extração do própolis, já que deve ser separado o apiário de que se extrai o própolis do de que se extrai o mel, pois as duas atividades no mesmo apiário põem em risco a existência do enxame. Por esse motivo passaram a capturar mais abelhas com o objetivo de produzirem mais mel. Em 2017, passaram a capturar colmeias de abelhas jataí, (sem ferrão). A espécie dessa abelha costuma construir suas casas no chão, e produz um mel mais raro em menor quantidade, mais concentrado, por isso, mais caro.





Figura 18 Foto cedida por Antônia . Enxame encontrado em uma pousada da região.



Figura 19 Foto cedida por Antônia I. Captura em árvore em via pública.

É importante lembrar que apesar de serem capturadas, as abelhas ficam livres, podendo ir embora para a natureza quando quiserem. Geralmente a captura é feita em vias públicas, residências e pousadas no entorno da reserva. Por estarem localizados em regiões próximas da mata, é comum o surgimento de enxames. Essas capturas também

fazem parte da renda do casal, uma vez que, ao serem chamados para o serviço de captura em locais privados, residência ou pousadas, é cobrada uma taxa.



Figura 20 Foto cedida por Antônia . Apiário aberto para a extração do mel.

Atualmente o casal, além de aumentar sua renda com o trabalho de captura, também comercializa o mel, o própolis e o favo em embalagens de vários tamanhos.



Figura 21 Foto: Tamikuã Pataxó. Mostruário de vendas.

Além disso, o casal faz palestras em diversos seguimentos sobre o assunto com intuito de preservar as abelhas. Resaltando que, todo o processo, desde a criação dos apiários, até as vendas dos produtos acontece em seu proprio kijeme (casa).

### III. Artesanato de coco seco (hãmxomã upú bokwãdxê motxê)



Figura 22 (Foto Tamikuã Pataxó) utensílios feitos com coco.

Na nossa cultura, fazemos uso de diversas palmeiras na confecção de nossos artesanatos, entre elas figuram o tucum, a piaçava, o pati, dentre outros. No entanto, o coco da praia (*Cocos nucifera*) é uma das palmeiras mais comuns na região. Dela se aproveita praticamente tudo, desde a sua água, que além de muito saborosa é um excelente hidratante para o corpo, até sua polpa que serve de alimento, além de ser usada na fabricação de doces, manteiga e óleos. Mas a nossa matéria prima vinda dessa palmeira é justamente o que se costuma jogar fora, a sua casca. Elas são utilizadas na confecção do nosso artesanato. Utensílios de cozinha, conchas, colheres, enfeites de mesa, porta moedas, brincos, colares, etc. São feitos da casca interna do coco seco que não teria mais serventia para o consumo. São feitos também objetos de decoração com a casca externa. Esse tipo de artesanato é muito comum em várias aldeias, porém esta pesquisa foi desenvolvida na Aldeia Craveiro com a artesã Evanilda de Brito Bandeira, (Aponãhi Pataxó), a qual trabalha com vários tipos de artesanato. Para a fabricação desse artesanato há a necessidade de algumas ferramentas, como serra, que pode ser manual, lixa, cola, raspador (espécie de faca) e o principal, o motor, que, no caso da Aponahi, (feliz)é utilizado um velho motor de farinheira adaptado por ela mesma. Após retirar a casca externa do coco, Aponahi utiliza a serra para abri-lo de forma que se aproveitem ambas as partes.



Figura 23 (Foto Tamikuã Pataxó) preparação do coco para o artesanato.

Após abrir o coco, retira-se a polpa, que será usada para doces ou para a confecção de óleo, e em seguida começa o trabalho no motor, o que a artesã faz com muita agilidade e criatividade.



Figura 24 (Foto Tamikuã Pataxó) A artesã retira a massa que será usada para doces ou óleo.

#### **IV. Artesanato da fibra (tronco) de bananeira (hãmxomã txó niotxarú upú tapitá)**

A bananeira é uma das plantas mais encontradas nas aldeias, presente em praticamente todos os quintais. O maior motivo do seu cultivo é o seu fruto, que contém um auto teor de potássio e de outras vitaminas. Por isso, é uma das frutas mais consumidas, especialmente por ela se adaptar facilmente a vários tipos de solo. O que muita gente não sabe é que seu tronco possui fibras que podem ser utilizadas para a confecção de bolsas, chapéus, cestos, utensílios de cozinha, etc. Fabricados a partir da fibra de bananeira e costuradas com linha de tucum. A atividade desenvolvida pela artesã Evanilda de Brito Bandeira, (Aponãhi Pataxó), na Aldeia Indígena Pataxó Craveiro, situada no Território Barra Velha, município do Prado, BA, sua matéria prima principal as fibras dos troncos de bananeira, as quais são retiradas de seu próprio plantio. Ela ainda utiliza sementes, varas de uruba, (planta nativa da região), tintas naturais, (de urucum, jenipapo...), além da linha extraída manualmente das folhas de tucum, (palmeira nativa da região). Na colheita da banana, que se dá na retirada dos cachos, a planta é cortada para deixar espaço para as mudas que estão crescendo, os troncos cortados geralmente são deixados no solo para se decompor. A artesã, entretanto, recolhe esses troncos e os transforma na principal matéria-prima de seus trabalhos. Abaixo, é descrito o processo de preparo das fibras de bananeira para a fabricação o dos artesanatos:.



Figura 25 (Foto Tamikuã Pataxó) Tronco de bananeira recolhido pela artesã para ser transformado em matéria prima de seu trabalho.



figura 26 Foto: Tamikuã Pataxó. Limpa-se o tronco, retirando as primeiras capas, até aparecer a parte lisa.



Figura 27 Foto: Tamikuã Pataxó. Retira-se as capas e corta em tiras na vertical com aproximadamente 3 a 4 centímetros de largura.

Após a colheita da banana, o tronco é recolhido e são retiradas as primeiras capas que serão deixadas no solo, ou reaproveitadas no manejo da horta como adubo. Ao aparecer a parte lisa, com a ajuda de uma faca, as próximas capas serão cortadas em tiras na vertical de aproximadamente 3 a 4 centímetros de largura e colocadas ao sol para secar. Esse processo depende muito do tempo, pois a secagem precisa de uns 4 dias de sol, enquanto se está secando também é feito o processo de amaciamento das fibras, o que é feito com a própria faca utilizando o lado oposto do corte, deslizando-a várias vezes nas tiras na vertical.



Figura 28 Foto Tamikuã Pataxó. Fibras em processo de secagem.

As fibras devem ser bem secas para um maior aproveitamento e para que possam ser armazenadas, já que no inverno não será possível fazer esse processo. O armazenamento deve ser feito em caixas de papelão e sempre que possível devem ser expostas ao sol, para evitar uma possível proliferação de fungos. A eliminação completa do aparecimento de fungos só ocorrerá depois que as peças prontas forem envernizadas. Além das fibras, também são utilizadas linhas de tucum, produzidas pela própria artesã, em processo completamente manual. Para fazer as linhas, ela emprega apenas um facão ou mesmo uma faca para a retirada das folhas da planta. Ainda são usadas algumas espécies de sementes e cola para artesanato, na decoração de algumas peças. Depois desse processo vem outro desafio, o tecer e a montagem das peças. Esse trabalho é feito com simplicidade e com muita dedicação. Como nos exemplos abaixo:



Figura 29 Foto: (Tamikuã Pataxó) Início do processo de montagem de um descanso de panela, (utensílio de cozinha)





Figura 30 (Foto: Tamikuã Pataxó) utensílio já em fase de acabamento Figura 31 (Foto: Tamikuã Pataxó) utensílio pronto para o uso.

O utensílio acima foi confeccionado exclusivamente com a fibra de bananeira. Foi utilizada como ferramenta apenas uma faca no momento da preparação das fibras, além das mãos e dos pés, conforme mostra a figura de nº 29. De maneira semelhante, são confeccionadas as demais peças a seguir:



Figura 32 e 33: foto Tamikuã Pataxó, bolsas tecidas com fibras de bananeira,



Figura 34 Foto: Tamikuã Pataxó. Tapete tecido com fibra de bananeira

## V.BIO-JÓIAS DE BARRO (TAWÁ)

Jóias feitas tendo a argila como matéria-prima principal. Conheci esta arte na Aldeia Mata Medonha no município de Santa Cruz de Cabrália, BA, em uma das oficinas da professora de história e também ceramista *ĩdxihi* (não indígena) Lara Mascarenhas, que vive no mesmo município. Lara diz que começou esse trabalho quando vivia na região do Vale do Jequitinhonha. “Sempre gostei de fazer minhas bijuterias, as quais eram produzidas a partir de peças compradas em lojas especializadas, mas sempre tive o desejo de encontrar na natureza matéria prima para meu trabalho, até que, inspirada nos trabalhos das mulheres do Vale do Jequitinhonha, encontrei o que desejava, o barro”. Atualmente seu trabalho “JÓIAS DA TERRA” é reconhecido na região, e suas vendas aumentam a cada dia. A participação da oficina com a professora Lara me fez reviver a infância, pois fazer utensílios de cozinha com argila era minha brincadeira favorita. Porém a partir dessa oficina descobri no barro o que precisava para substituir as sementes tão utilizadas nos nossos adereços.



Figura 35 (foto cedida por Lara Mascarenha) ceramista Lara Mascarenhas em seu trabalho



Figura 36 (foto Tamikuã Pataxó) Jóias da Terra



Figura 37 (fotos Tamikuã Pataxó) vasos e bio joias.

Eu, Tamikuã Pataxó, desde criança sempre gostei de fazer pequenas esculturas e utensílios de argila.



Figura 38(foto Tamikuã Pataxó) escultura de uma índia gestante



Figura 39 (foto arquivo pessoal) fruteira de argila.

Porém, nunca antes havia levado a sério o trabalho e por isso usava essa arte apenas como Passa-Tempo. Após essa participação na oficina, pude me identificar com a arte e

comecei a desenvolvê-la aos poucos em minhas aulas de arte e de cultura indígena, primeiro na Reserva Aratikum e mais tarde na Aldeia Craveiro, onde moro atualmente.



Figura 40(foto Tamikuã Pataxó) prato e colar de argila.

Sempre fazendo experiências com argilas diversas que encontro na comunidade e com informações transmitidas por nossos anciões deixadas por nossos ancestrais. O trabalho é desenvolvido com todo tipo de argila, desde as que são comercializadas, até as mais comuns, retiradas nas margens dos rios, o que faço em pequenas quantidades. Depois de moldadas as peças, elas são deixadas para secar e só depois são queimadas em alta temperatura.

Depois que conheci a Lara e seu trabalho com as bio-jóias, comecei também a desenvolver essa arte, não como meio de subsistência, mas como uma das formas que encontrei de chamar a atenção dos meus alunos para a arte em cerâmica, o que despertou em mim um talento ancestral, pois, muito tempo depois de começar a desenvolver essa atividade na escola, foi que descobri através do meu tio Zelito Pataxó que minha avó paterna era ceramista. Essa informação me fez criar um gosto ainda maior pelo trabalho, passando a pesquisar e a conhecer mais sobre o assunto. Então comecei a criar peças e a comercializá-las. Nessas pesquisas, descobri alguns segredos da minha avó no preparo da argila e a substituir a linha encerada utilizada pela Lara pela linha de tucum, a qual também é utilizada no artesanato de fibra de bananeira. A linha de tucum é produzida manualmente por alguns dos nossos anciões para a fabricação de

diversos artesanatos, processo que aprendi com os mais velhos para confeccionar os brincos de pena que usamos.



Figura 41 (foto de arquivo pessoal) Jokana fabricando a linha de tucum.



## VI. Escultura (artesanato) em madeira (hãmxomã uxé pajarú)

O trabalho com escultura em madeira é desenvolvido por Joselito Nascimento Maciel, Zelito Pataxó, artesão, morador da Reserva Aratikum. O trabalho consiste em criar esculturas e móveis rústicos, inspirados nos animais existentes em nossa região ou da imaginação do artista. As esculturas são feitas manualmente utilizando galhos de podas, sobras de serrarias ou madeiras mortas encontradas nas matas dentro da própria aldeia.



FIGURA 42: (Foto do arquivo pessoal Tamikuã Pataxó) Zelito Pataxó, trabalhando em suas obras. (jirajã). Mesa de raiz de louro casca preta).

Zelito Pataxó tem hoje 73 anos de idade e desenvolve trabalhos em madeiras manualmente desde muito jovem, para sua sobrevivência, quando vivia na cidade desde que foi expulso de seu território. Muitos anos depois, ao reencontrar alguns parentes indígenas e ser reconhecido como tal, passou a viver na aldeia Mata Medonha no município de Santa Cruz Cabralia, BA. O artesão trabalhava, no passado, com madeiras de desmatamento. No entanto, conscientizou-se mais tarde dos prejuízos que o desmatamento causa à natureza e da necessidade de se preservar o meio ambiente. Por essa razão, mudou sua maneira de trabalhar, deixando assim de contribuir com o desmatamento para conseguir matéria prima para seu trabalho. Desde então, Zelito Pataxó emprega em seu trabalho apenas restos de madeiras usadas, sobras de madeiras descartadas das serrarias, troncos e raízes de árvores encontrados na mata ou mesmo na cidade, galhos de podas, ou peças descartadas que encontra em seu caminho. Essa

mudança de atitude agregou valor às suas peças e valorizou seu trabalho como artista. Suas peças são feitas com todo tipo de madeira desde que seja refugo. Algumas das madeiras que ele emprega são louro-ingá, ou ingá-uçu, caixeta, louro-casca-preta, dentre outras. Apresento a seguir alguns de seus trabalhos:



FIGURA 43: (Foto de Tamikuã Pataxó) Assento (mupã) em madeira: pequi



FIGURA:44 (Foto cedida por Zelito Pataxó) Madeira: pequi

O banco (assento) das figuras 2 e 3 foi feito com parte de uma canoa que se encontrava descartada às margens do rio João de Tiba em Santo André no município de Santa Cruz de Cabrália, Ba.



FIGURA 45 e 46: Tamanduá bandeira. (mõdahã)

As figuras 45 e 46 retrata o tamanduá bandeira feito de caixeta, a diferença na coloração de ambas as peças acontece no acabamento com uma mistura de cola araudite e álcool, a qual ele utiliza em todas as peças deixando-as impermeáveis.



Figura 47: (Foto Tamikuã Pataxó) Tamanduá mirim, feito com louro-casca-preta.



Figura 48:(Foto Tamikuã Pataxó) Tamanduá, feito com louro-casca-preta.



FIGURA 49: (Foto do arquivo pessoal) Tubarão (mukusuy) feito de raiz de Angelim-morcego.



FIGURA 50: (Foto do arquivo pessoal) Veado (mãñy) feito de Louro-casca-preta.



FIGURA 51: (Foto do arquivo pessoal) Pica-pau (jiktayá)feito com louro-casca-preta.



FIGURA 52: Tatu verdadeiro, (uhãï) feito com louro-casca-preta.

As peças das figuras 45, 46, 47, 48, 50, 51 e 52 apresentadas acima foram feitas a partir de sobras de madeira, refugos das serrarias, ou de carpintarias da região.



Figura 53: Mesa feita com raiz de mussutaiba



FIGURA 54: Mesa de raiz de louro casca preta.

Pés de mesas feitas com partes de troncos e de raízes de árvores encontradas em áreas desmatadas.



Figura 55 (foto arquivo pessoal) onça pintada (hamugãe) retratada em louro-casca-preta.



Figura 56: Preguiça (gnei) feita com raiz de murici.

## VII. HORTA SUSTENTÁVEL

Na aldeia há o cultivo de hortaliças em quintais familiares, nessas hortas costumam se cultivar, coentro, cebolinha, alface, cenoura couve, tomate pimentão, etc. Além de ervas medicinais. Em nossos quintais, ainda são encontradas algumas variedades de plantas PANC's (Plantas Alimentícias Não Convencionais)<sup>5</sup>, que fazem parte da nossa alimentação ou mesmo da medicina tradicional. Para o cultivo das hortaliças, são utilizados diferentes métodos de adubação orgânica, como, por exemplo, os produzidos a partir de esterco de animais (vaca e galinha) e de troncos de bananeiras. Nesse último caso, servem tanto como adubo como também para ajudar na economia de água na irrigação. Uma vez que por horta sustentável não se entende apenas cultivo sem o uso de agrotóxicos, mas cultivo desenvolvido com a preocupação em manter os recursos naturais sem exauri-los.

Após colher os cachos de bananas, os troncos são cortados e deixados na terra para permitir que as novas mudas se desenvolvam, esses troncos que são formados de fibras além de serem utilizados para a fabricação de artesanatos são utilizados na horta ao se fazer as leiras (canteiro). As bananeiras são encontradas em grande diversidade na região, embora as mais plantadas sejam banana- prata, lembrando que a espécie da bananeira não altera a formação do caule, o que nos permite fazer o uso nas diversas atividades independentes da espécie que tivermos disponíveis. Para serem utilizados na horta, esses troncos são cortados ao meio e colocados nos locais onde serão feitas os canteiros os quais terão a função de absorver a água durante a irrigação e manterá os canteiros úmidos por mais tempo, sendo necessário regar com menos frequência, gerando assim economia de água.

---

<sup>5</sup> As PANCs são plantas encontradas nos nossos quintais, que usamos para alimentação, como por exemplo a folha de abóbora, folha de batata, entre outras. Esse termo utilizado pela cultura não-indígena, não se aplica plenamente para nossa cultura, pois muitas das PANCs são comuns para nossa alimentação tradicional.





Figura 57 Foto Tamikuã pataxó. Preparação dos canteiros no período de desenvolvimento do projeto de estágio intitulado, Horta Sustentável, desenvolvido por Tamikuã Pataxó na Escola Aksã, na Aldeia Craveiro.

Ao se decomporem, os troncos se tornam em adubo orgânico. Nessas hortas são cultivados coentro, cebolinha, alface, cenoura couve, tomate pimentão, etc. Além de ervas medicinais. Todas as espécies são cultivadas de acordo com nossa cultura, respeitando as fases da lua, para que possamos garantir em nossas mesas um alimento saudável e dentro do nosso padrão cultural. Ressaltando que esta atividade é desenvolvida por diversas famílias, em sua maioria, não para fins lucrativos e sim para garantir uma alimentação saudável em nossas mesas. Lembrando ainda que esta atividade já está inserida no currículo escolar, sendo utilizada como proposta pedagógica interdisciplinar, nas modalidades de ensino Fundamental I E Fundamental II, a qual foi desenvolvida em meu projeto de estágio.



Figura 58 Foto: Tamikuã Pataxó. Canteiro de alface



Figura 59 foto Tamikuã Pataxó Canteiro de cenoura

## VIII. Tanga, roupa (Tupsay)



Figura 60, foto Tamikuã Pataxó (kacusú usando tupsay)

Não seria possível falar de atividades de subsistência dos povos indígenas sem falar do nosso tupsay (roupa, tanga). Uma das histórias mais comuns sobre nós indígenas é a de que vivíamos nus, sim é verdade! Porém sempre cobrimos nossos corpos com pinturas adornos de penas e sementes e é claro, com o nosso tupsay. Para falar sobre ele procurei o casal Sr. José dos oliveira e dona Maria Alves da Conceição, residentes da aldeia Craveiro.



Figura 61 (Foto cedida por Jardimile) o casal preparando o material para tecer as peças.

O tupsay é uma espécie de roupa confeccionada a partir de fibras de árvores. Nossos ancestrais já utilizavam fibras de árvores para amarrar ou mesmo tecer redes, e também as vestimentas com essas fibras. Cada povo tem seu jeito específico. No caso dos Pataxó, as fibras são retiradas de uma árvore nativa das nossas matas, conhecida como biriba, a mesma é uma espécie de sapucaia.



Figura 62. Foto: Tamikuã Pataxó, árvore de biriba ainda jovem



Figura 63 Foto: Tamikuã Pataxó, (txahá) flor e fruto da biriba

Dessa árvore se aproveita praticamente tudo, a começar por sua sombra. Sua madeira é resistente, por isso, é utilizada nas casas tradicionais, e com sua fibra fazemos nossos trajes originários.



Figura 64 (foto cedida por Jardimile) D. Maria tecendo o tupsay.

Seu Zé ressalta um fato de suma importância na confecção do tupsay: não há necessidade de derrubar a árvore para retirar a fibra, o que evita o desmatamento, tornando seu trabalho sustentável, uma vez que existe a preocupação em preservar as árvores para as futuras gerações. A fibra é retirada da árvore viva, lembra que a árvore deve ser de médio ou grande porte, justamente para evitar sua morte. Seu tronco precisa ter um diâmetro considerável e é preciso estar atento à fase da lua, sendo ideal três dias após a lua cheia, o período perfeito para a retirada do pano, como chamamos a fibra. Para a retirada do pano, precisamos que a biriba esteja grossa para que possamos deixar em torno de no mínimo 20cm de sua casca, para que a árvore possa se recompor. Além disso, tem que seguir o fio da casca. Observe na foto abaixo que o pano não foi retirado em linha reta, por este motivo.



Figura 65 Foto: Tamikuã Pataxó. Árvore de biriba após retirada do pano (fibra)

## 8. Considerações finais

Este trabalho buscou descrever oito práticas sustentáveis abordadas na pesquisa, as mesmas são, utilizadas nas comunidades Pataxó contribuindo para a perpetuação da cultura e da identidade étnica Pataxó.

Do contato com outros espaços, pessoas e saberes ampliou-se o meu interesse por práticas pedagógicas voltadas para sustentabilidade, para promover a interdisciplinaridade no currículo escolar. Ao considerar a escola como lugar de formação das novas gerações, que é utilizada como ferramenta para o fortalecimento da nossa cultura, assim como demais espaço de aprendizagem. Nos quais podemos desenvolver projetos aplicando-os em cumprimento às orientações da Lei N° 11.645/2008,

Por isso, propus como objetivo geral: além de identificar e descrever as práticas de sustentabilidade desenvolvidas em algumas aldeias, as quais vieram contribuir para o desenvolvimento de ações de preservação ambiental, no intuito de compartilhar saberes sobre essas práticas; trazendo a oportunidades de um diálogo maior entre realidades tão distintas, como a indígena e a não indígena, possibilitando a concretização de um objetivo comum que é produzir conhecimento e trocar experiências que resultem em ações de preservação do meio ambiente.

Os conhecimentos locais se mostram importantes na medida em que se constrói a identidade de um indivíduo. Para isso, a pesquisa pretendeu propor uma relação entre os saberes escolares e tradicionais, buscando evidenciar as complexas relações entre saberes tradicionais, meio ambiente e escola. A pesquisa encontrou e buscou pôr em prática diversas experiências já em andamento nas escolas das aldeias visando à perpetuação do saber tradicional na instituição de educação formal, promovendo transversalidades nos sistemas de transmissão de conhecimentos e interdisciplinaridade demonstrando que o conhecimento não é somente construído nas ciências, mas também nas comunidades em seu cotidiano. O conhecimento sobre o mundo e a sociedade, sempre foram transmitidos de forma oral pelo nosso povo, conhecemos o mundo à nossa volta através da transmissão dos conhecimentos tradicionais de nossos pais, familiares e comunidade na qual se está inserido. Mas essa realidade tem mudado através de um longo processo histórico de colonização, e luta pela sobrevivência e resistência do nosso povo. Porém há outras formas de transmissão de conhecimentos, como o sistema formal de educação, as escolas; Onde as diferenças devem ser vistas



como algo a ser vencido, eliminado, dando lugar a uma diversidade de povos e de conhecimentos que devem ser valorizados nessa nova visão de mundo, onde se tem buscado uma junção entre estes dois tipos de sistema de transmissão de conhecimento. Isto é o que o presente trabalho propôs demonstrar: a escola, como ferramenta de reconstrução, valorização e revitalização da nossa cultura. Promovendo esse encontro de conhecimentos na escola ou fora dela através de oficinas, visitas técnicas, entrevistas, palestras, entre outros. Tendo como transmissores não somente os professores, mas também pessoas que detêm o saber tradicional em determinado assunto, como artes, subsistência, entre outros.

---

---

## 9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA, SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. *Leituras pataxó: raízes e vivências do povo pataxó nas escolas*. Salvador: MEC/ FNDE/ SEC / SUDEB, 2007.

BOMFIM, Anari Braz. (2017). Patxohã: a retomada da língua do povo Pataxó. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 13, n.1 jan de 2017, p. 303-327. ISSN 2238-975X 1.

BRASIL. Referencial curricular nacional para as escolas indígenas/Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998

CARDOSO, Thiago Mota; BUENO, Maíra. (Orgs) Aragwaksã: Plano de gestão Territorial do Povo Pataxó de Barra Velha e Águas Belas. Brasília: Funai, 2012

Instituto Socioambiental. Disponível em <<https://pib.socioambiental.org/pt/>> Acesso em 06/05/2019

MIKHAILOVA, Irina. Sustentabilidade: evolução dos conceitos teóricos e os problemas da mensuração prática *João Pessoa: Revista Economia e Desenvolvimento*, n° 16, 2004.

PATAXÓ, Povo. Apostila de Patxohã. Povo:Pataxó, 2015

PATAXÓ, Povo. *Inventário cultural Pataxó: tradições do povo Pataxó do extremo sul da Bahia*. Bahia: Atxohã / Instituto Tribos Jovens (ITJ), 2011

PATAXÓ, Povo. *Manual das atividades do etnoturismo na Reserva Pataxó da Jaqueira*. Rio de Janeiro: Museu do Índio – FUNAI, 2011.

PONS, Ivo Almanaque de sustentabilidade. Ivo Pons-Cotia, SP: Macmillan, 2012, (Coleção Urutau) Pág, 07 (04/05/18)

SANTOS, Vanessa Sardinha dos. "Contaminação ambiental por agrotóxicos"; *Brasil Escola*. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/biologia/contaminacao-ambiental-por-agrotoxicos.htm>>. Acesso em 15 de setembro de 2018.

---

ANEXOS



Figura 66 Calendário Sociocultural Pataxó.

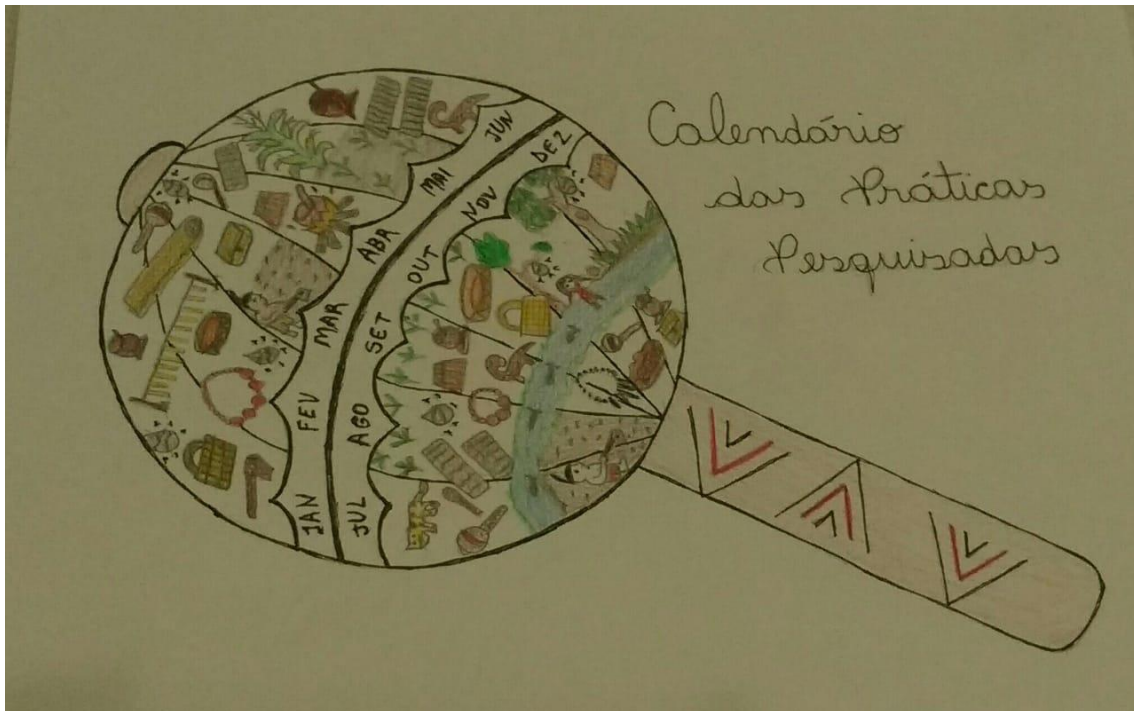


Figura 67 calendário voltado para as atividades pesquisadas.

### Glossário

Patxohã- Português

1-Aksã= vitória

2-Aripotxê= aluno

3-Aponahi= feliz

4- atxá'`a= roça

5-baktxi= abacaxi

6-bokwãdxê= coco

7-Gnewi= preguiça

8-Hãhãhãe= povo

9-Hãmxomã = artesanato

11-Hemugãy= onça

12-Hoyxek= horta, viveiro

13-Indihi = não índio

14-Iõ= o

- 15-Jiktayá= passarinho  
16-Jirajã= mesa  
17-Jokana= mulher  
18-Kakusu= *homem*  
19-kamarú= *árvore*  
20-Kanurú= urucum  
21-kavãg= feijão de corda  
22-Kijeme= casa, moradia  
23-Kohõ= mandioca braba  
24-Kumãdá= feijão  
25-kuyuna (farinha)  
26-Kwok= veneno  
27-Makaiába= beijú  
28-Mãnãy= veado  
29-Mõdahã= tamanduá bandeira  
30-Motxê= seca, seco  
31-Mukunã= mandioca  
32-Mukusuy= peixe  
33-Mupãy= assento, banco  
34-Naãhã= sem  
35-nahão= andu  
36-Niamisũ=Senhor, Deus  
37-Niotxarú= tronco, caule  
38-,ohóy = mandioca doce  
39-Otxemã= uso  
40-Pajarú= *madeira*  
41-Patãmionã= *minha família*  
42-Patxiõ= milho  
43-Pataxip =Aldeias  
44-Patxohã= *linguagem de guerreiro*  
45-pegpãy= *abelha*  
46-Peternã= *pimenta*  
47-Tamikuã= estrela  
48-Tamonetá= tio

49-Tapitá= banana

50-Tawá= barro

51-Txó= do

52-Tupsay= *Tanga, roupa originária*

53-Txahá= *flor*

54-Uhã= Tatu verdadeiro

52-Upú= de

53-Uxé=*Com*